

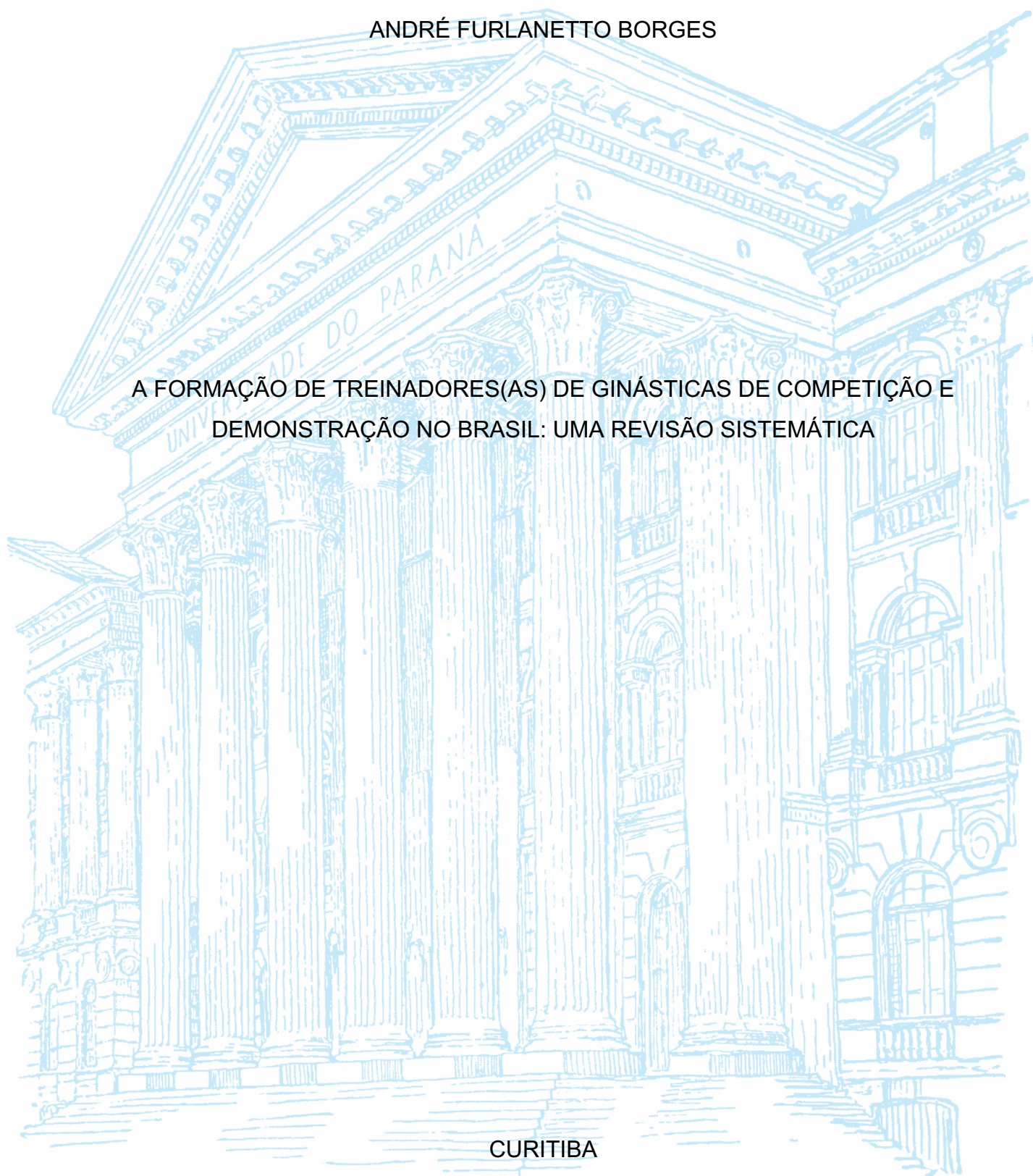
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ FURLANETTO BORGES

A FORMAÇÃO DE TREINADORES(AS) DE GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO E
DEMONSTRAÇÃO NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

CURITIBA

2023



ANDRÉ FURLANETTO BORGES

A FORMAÇÃO DE TREINADORES(AS) DE GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO E
DEMONSTRAÇÃO NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso, Curso
de Bacharelado em Educação Física,
Setor de Ciências Biológicas,
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Letícia
Bartholomeu de Queiroz Lima

CURITIBA

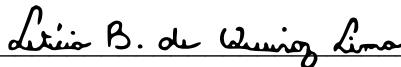
2023

TERMO DE APROVAÇÃO

ANDRÉ FURLANETTO BORGES

A FORMAÇÃO DE TREINADORES(AS) DE GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO E DEMONSTRAÇÃO NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção do título de Bacharel em Educação Física, pela seguinte banca examinadora:



Profa. Dra. Leticia Bartholomeu de Queiroz Lima - Orientadora

Setor de Ciências Biológicas


Universidade Federal do Paraná



Prof. Dr. Ivan Furegato Moraes

Setor de Ciências Biológicas

Universidade Federal do Paraná



Profa. Ma. Letícia Cristina Lima Moraes

Setor de Ciências Biológicas

Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 25 de Fevereiro de 2023

Dedico este trabalho especialmente a minha orientadora Professora Dra. Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima, por me incentivar e auxiliar não só nesta pesquisa, como em toda a minha graduação, de maneira eficiente, respeitosa, e amável em cada aula, reunião ou encontro pelos corredores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar essa experiência e conquista.

À minha família, parentes e amigos pelo apoio e incentivo que me fizeram chegar à conclusão do meu curso e começo de uma nova carreira.

À minha orientadora Professora Doutora Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima, pelo acompanhamento, orientação e tempo dedicado a me desenvolver como profissional.

A todos os professores que estiveram presentes na minha trajetória por me proporcionarem o conhecimento e aprendizados necessários no processo de formação profissional.

À Universidade Federal do Paraná, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram experiências, saberes e o desenvolvimento de diversas competências que me fazem ser o profissional de Educação Física que sou hoje.

“A educação deve possibilitar ao corpo e à alma toda a perfeição e a beleza que podem ter.”

Platão

RESUMO

Sendo a formação profissional em modalidades esportivas específicas um ponto ainda de discussão e controvérsias para a área da Educação Física, este trabalho de conclusão de curso buscou analisar e refletir sobre o processo de formação de treinadores(as) de Ginásticas de Competição e de Demonstração no Brasil, apontando suas dificuldades e a formação continuada na área para tal atuação no mercado de trabalho. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática em diferentes bases de dados (Lilacs, Capes, SciElo e Google Acadêmico) analisando artigos científicos no idioma português até maio de 2022. A partir das palavras-chave: treinador, técnico, professor e ginástica foram encontrados 618 artigos dos quais, após análise, 9 foram incluídos na pesquisa por se enquadrarem nos objetivos pré-estabelecidos. Os resultados da pesquisa foram apresentados em três tópicos distintos: A formação de treinadores(as) de Ginásticas de Competição e de Demonstração no Brasil; Dificuldades na formação de treinadores(as) de práticas gímnicas e; Para além da graduação: a formação continuada de treinadores(as) de Ginástica. Como principais resultados apontamos ainda a debilidade na formação inicial dos(as) treinadores(as), enfatizando características generalistas e superficiais. Desta forma, a formação informal vem sendo cada vez mais procurada pelos(as) treinadores(as) na tentativa de suprir as lacunas do ensino formal, com destaque para as experiências como ex-atletas de modalidades gímnicas e vivências ao longo da vida.

Palavras-chave: Ginástica; Treinador; Técnico; Professor; Formação.

ABSTRACT

Since coach education in specific sports is still a point of discussion and controversy for the field of Physical Education, this paper aims to analyze and reflect on the process of coach education of Competition and Demonstration Gymnastics in Brazil, pointing out its difficulties and continuing education in the area for such performance in the labor market. For that, a systematic review was carried out in different databases (Lilacs, Capes, SciElo and Google Scholar) analyzing scientific articles in Portuguese until May 2022. From the keywords: “técnico”, “treinador”, “professor” and “ginástica” 618 articles of which, after analysis, 9 were included in the research because they fit the pre-established objectives. The results of the research were presented in three distinct topics: The coach education of Competition and Demonstration Gymnastics in Brazil; Difficulties in coach education and; Beyond graduation: the continuing education of Gymnastics coaches. As main results, we also point out the weakness in the initial training of coaches, emphasizing generalist and superficial characteristics. In this way, informal education has been increasingly sought after by coaches in an attempt to fill the gaps in formal education, with emphasis on experiences as former gymnastics and lifelong experiences.

Keywords: Gymnastics; Coach; Professor; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO E DE DEMONSTRAÇÃO.....	10
3. A FORMAÇÃO DE TREINADORES(AS) NO BRASIL.....	12
4. OBJETIVOS	14
4.1 Objetivo geral	14
4.2 Objetivos específicos.....	14
5. MÉTODOS.....	15
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
6.1 A formação de treinadores(as) de Ginásticas de Competição e de Demonstração no Brasil.....	19
6.2 Dificuldades na formação de treinadores(as) de práticas gímnicas..	20
6.3 Para além da graduação: a formação continuada de treinadores(as) de Ginástica	22
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1. INTRODUÇÃO

O curso de bacharelado em Educação Física no Brasil, atualmente, não se especifica em preparar o profissional para o meio esportivo, pois necessita construir uma base sólida para as áreas de lazer e saúde tanto quanto para a área esportiva, afim de abranger com qualidade as diversas áreas de atuação do profissional de Educação Física (BRASIL, 2004).

Segundo Nunomura e colaboradores (2004), na tentativa de abastecer o mercado de trabalho com professores(as) de Educação Física, a maioria dos cursos superiores passou a aumentar seus currículos com a finalidade de formar profissionais que atuassem em todas as áreas da atividade física.

Ao abordarmos a formação de treinadores(as) esportivos, a relevância dos(as) mesmos(as) para o desenvolvimento de qualquer modalidade esportiva, é reconhecida por todos no meio do esporte (SCHIAVON *et al.*, 2014). Logo, seus processos de formação e atualização específicas para cada modalidade em questão tornam-se essenciais (SCHIAVON *et al.*, 2014).

Nesse mesmo sentido, Lyle (2011) aponta que entender o que é ser treinador(a) e qual sua função (coaching) é uma tarefa difícil e complexa. Pois, no esporte, existem diferentes meios, contextos e níveis onde o(a) treinador(a) pode estar inserido, do esporte recreacional ao alto rendimento, assim este ocupa um papel múltiplo e diferenciado em cada contexto (LYLE, 2011). Conseqüentemente, é difícil encontrar um curso que supra todas as necessidades deste papel e características e qualidades específicas para o mesmo (LYLE, 2011).

No Brasil, atualmente, a única alternativa para exercer a profissão de treinador(a) esportivo nas Ginásticas de Competição e de Demonstração, e em diversas modalidades esportivas, é a formação em nível superior em: Bacharelado em Educação Física, Bacharelado em Esporte e/ou Ciências do Esporte (SCHIAVON *et al.*, 2014; SOUZA NETO *et al.*, 2004). Porém, o curso em nível superior tem se mostrado superficial e generalista, não atendendo às reais necessidades desta prática profissional, principalmente para aqueles que almejam trabalhar com o alto rendimento esportivo (NUNOMURA, 2004; PEREIRA; HUNGER, 2003).

Além disso, os meios para uma formação específica nas práticas gímnicas no país são escassos (NUNOMURA; NISTA-PICOLLO, 2003), sendo esporádicos e/ou

voltados apenas para um público específico, como no caso do curso de capacitação para treinadores(as) oferecido pelo Comitê Olímpico do Brasil a partir de 2012, ou ao curso de formação da Federação Internacional de Ginástica (*FIG Academy*), ambos restritos a treinadores(as) que já fazem parte do alto rendimento da modalidade no país (LIMA, 2020).

Recentemente, Orlando e colaboradores (2021) realizaram um estudo analisando a formação de treinadores(as) de ginásticas de competição até o ano de 2018 em periódicos nacionais e internacionais, abordando problemáticas e fragilidades sobre a formação de treinadores(as) de modalidade gímnicas competitivas.

Tendo em vistas as dificuldades apontadas na literatura acerca da formação de treinadores(as) no Brasil e na perspectiva de expandir os estudos analisados por Orlando e colaboradores (2021), o presente estudo buscou responder: como as publicações em revistas científicas nacionais têm abordado a formação de treinadores(as) de ginásticas de competição e demonstração no Brasil? Deste modo, esta pesquisa delimitou dois objetivos específicos: 1) Verificar as dificuldades na formação de treinadores(as) das práticas gímnicas no Brasil identificadas nos estudos; 2) Descrever e analisar quais são as possibilidades de formação continuada para treinadores(as) de ginásticas competitivas e de demonstração nos estudos analisados.

Antes de abordar os aspectos metodológicos e os resultados e discussões, realizou-se uma breve revisão sobre as ginásticas de competição e de demonstração, e acerca da formação de treinadores(as) no Brasil para uma compreensão inicial dos elementos que fazem parte do presente trabalho.

2. GINÁSTICAS DE COMPETIÇÃO E DE DEMONSTRAÇÃO

Atualmente, a Ginástica possui vasta abrangência e sua aplicação tem se ampliado devido a expansão de seus direcionamentos e objetivos ao passar do tempo (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012; SOUZA, 1997). Sendo a ginástica multifacetada e abrangendo diversos setores da sociedade, Souza (1997) inicialmente classificou as ginásticas em cinco grandes campos, sendo eles: Ginásticas de Condicionamento, Ginásticas de Competição, Ginásticas de

Conscientização Corporal, Ginásticas Fisioterápicas e Ginásticas de Demonstração (SOUZA, 1997). Nesta pesquisa optamos por nos aprofundar especificamente nas Ginásticas tidas como de competição e de demonstração.

Sobre as Ginásticas de Competição, como evidenciada em sua própria nomenclatura, são aquelas que envolvem eventos competitivos e seguem um conjunto de regras pré-estabelecidas internacionalmente e códigos gestuais específicos (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012; SOUZA, 1997). Dentre estas ginásticas, podemos citar as práticas mais tradicionais vinculadas a Federação Internacional de Ginástica: Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática, Ginástica Aeróbica, Ginástica de Trampolim e mais recentemente o Parkour (FIG, 2022).

Segundo Rinaldi (2005, p.11):

[...] as modalidades existentes na atualidade não tiveram seus processos de sistematização de forma linear. Cada modalidade traçou seu caminho de maneira diferenciada, além de ter sofrido influência das Escolas Ginásticas que surgiram no continente europeu a partir do século XVIII [...] (apud OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012)

As Ginásticas de Demonstração por outro lado, abrangem todas as modalidades gímnicas, quando as mesmas possuem caráter demonstrativo. Sua principal característica é a não-competitividade, tendo como função principal a interação social entre os(as) participantes (SOUZA, 1994). Este campo é fortemente representado pela Ginástica para Todos (GPT) (anteriormente denominada de Ginástica Geral), que, aliada aos ideais de Esporte para Todos, tornou-se uma constante no continente europeu e hoje possui um grande número de adeptos em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil e nos mais diversos contextos (NUNOMURA; OLIVEIRA, 2012).

Sobre a Ginástica para Todos e suas características:

Diferentemente das disciplinas gímnicas esportivizadas, a GPT não possui normatização ou um código gestual (Código de Pontuação), como é usual nas demais práticas gímnicas. Essa característica permite o desenvolvimento da prática sob diferentes lógicas internas, sendo todas elas de natureza sociomotriz e, portanto, fundadas na cooperação (MENEGALDO; BORTOLETO, 2020).

A Ginástica é multiforme e suas diversas manifestações possibilitaram sua expansão e apropriação na sociedade não só contemporânea (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012). Dessa forma, estas práticas tiveram e têm amplo desenvolvimento na abrangência de seus campos de atuação e atualmente até na

sobreposição dos mesmos, atendendo diversas finalidades e setores da nossa sociedade (OLIVEIRA; NUNOMURA, 2012). A seguir, serão abordados como se dá o processo de formação de treinadores(as) no Brasil.

3. A FORMAÇÃO DE TREINADORES(AS) NO BRASIL

Ao abordarmos a formação de treinadores(as) no Brasil, a mesma se desenvolve na habilitação de bacharelado em Educação Física, Esporte e/ou Ciências do Esporte. Nestes cursos, a implementação de conteúdos prioritários delimita a formação do(a) treinador(a) esportivo. Porém, percebe-se a fragilidade de uma formação específica para o esporte, pois as Instituições de Ensino Superior do Brasil, em grande maioria, optaram por cursos de bacharelado generalistas, responsáveis pela formação de profissionais que atuarão dentro das diversas áreas da Educação Física (ORLANDO *et al.*, 2021).

A graduação em Educação Física oferece disciplinas que contribuem para a formação do(a) treinador(a) esportivo, no entanto, a metodologia generalista cria uma discussão diversa, mas não aprofundada dos conteúdos (EGERLAND *et al.*, 2013). Esta situação corrobora com a preocupação dos indivíduos em buscar uma especialização em cursos de formação continuada, visando aprimorar seus conhecimentos específicos como treinador(a) de uma modalidade esportiva propriamente dita (EGERLAND *et al.*, 2013).

A formação profissional de treinadores(as) esportivos se forma a partir de um conjunto de conhecimentos que se iniciam, muitas vezes, a partir da infância com as vivências do esporte e se conserva pela busca da capacitação formal (Pós-Graduação *lato e strictu sensu*), não formal (cursos de curta duração associados a confederações e afins) e informal (vivências no campo, estágios, trocas de experiências, entre outros) (RAMOS *et al.*, 2015). A trajetória esportiva do(a) profissional pode ser beneficiada pela graduação, formação continuada, associações, federações e experiências pessoais (RAMOS *et al.*, 2015).

Evidenciando a influência das experiências pessoais na trajetória e formação esportiva, Ramos e colaboradores (2015, p. 818) ressalta:

A influência de ex-atletas, através de vínculos familiares ou amizade, pode direcionar a prática de determinado esporte. Nos clubes, associações e

outras organizações similares, por meio de aulas extracurriculares, é possível obter os primeiros contatos com a prática esportiva sistemática. Além disso, as aulas de Educação Física Escolar e os eventos esportivos muitas vezes podem despertar o interesse pela prática.

Um processo de socialização esportiva que se inicia na infância e perdura ao longo da vida fomenta um entendimento da aprendizagem profissional do(a) treinador(a) esportivo (RAMOS *et al.*, 2015). Não há apenas uma trajetória de aprendizagem, mas evidencia-se situações marcantes durante o transcorrer, como a iniciação no contexto esportivo; a permanência e significados pessoais associados às experiências esportivas; a inserção ou transição da condição de praticante para a de treinador(a); e a busca e obtenção de conhecimentos teóricos e práticos para conservar-se na função de treinador(a) (RAMOS *et al.*, 2015).

Neste contexto, apontamos que a formação de treinadores(as) não é algo pontual e linear e sim um aprendizado ao longo da vida que pode e deve ser adquirido por meios formais, informais e não formais, especialmente pelo fato de no Brasil não termos um método único, aprofundado e embasado para a atuação de profissionais no meio gímico, reforçando novamente a necessidade de se investigar a formação de treinadores(as) de ginástica no Brasil.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho foi analisar e refletir sobre o processo de formação de treinadores(as) de Ginásticas de Competição e de Demonstração no Brasil.

4.2 Objetivos específicos

Como objetivos específicos buscou-se:

- Verificar as dificuldades na formação de treinadores(as) das práticas gímnicas no Brasil identificadas nos estudos;
- Descrever e analisar quais são as possibilidades de formação continuada para treinadores(as) de ginásticas competitivas e de demonstração nos estudos analisados.

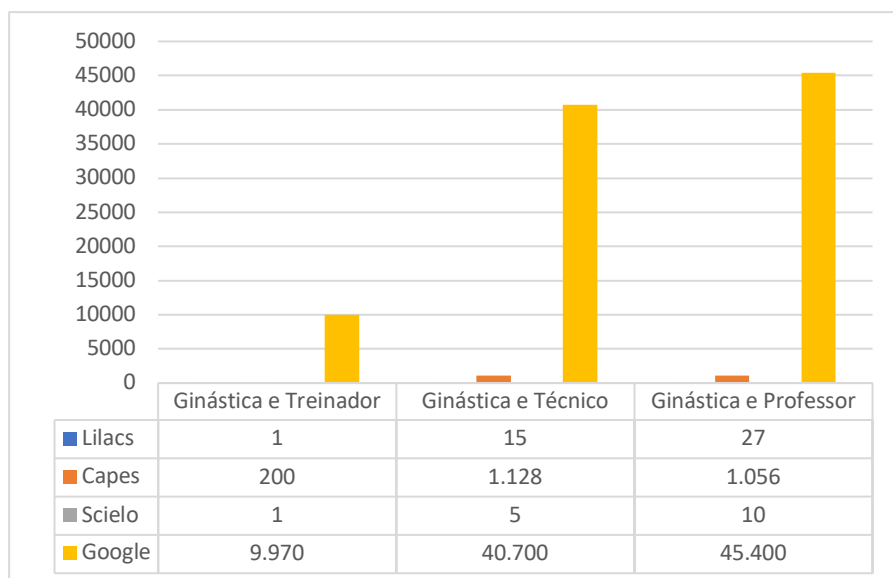
5. MÉTODOS

Esta pesquisa se trata de uma revisão sistemática consistindo em um método de pesquisa criterioso e de maior confiabilidade pela possibilidade de reprodutividade e repetitividade (GOMES; CAMINHA, 2014). Para sua realização, foram analisados artigos científicos sobre a formação de treinadores(as) de ginásticas de competição e demonstração no Brasil.

As bases de dados consultadas foram a Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), Portal de periódicos Capes, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. Realizou-se buscas por meio dos descritores: “ginástica”, “professor”, “técnico” e “treinador” e a combinação entre eles. Foram analisados apenas trabalhos no idioma português até maio de 2022.

Primeiramente foi realizado um levantamento para analisar a quantidade de artigos disponíveis acerca da temática nas quatro bases de dados escolhidas supracitadas. A quantidade de artigos encontrados em um primeiro momento pode ser observada no gráfico 1. Ressaltamos que alguns artigos foram localizados em mais de uma base de dados.

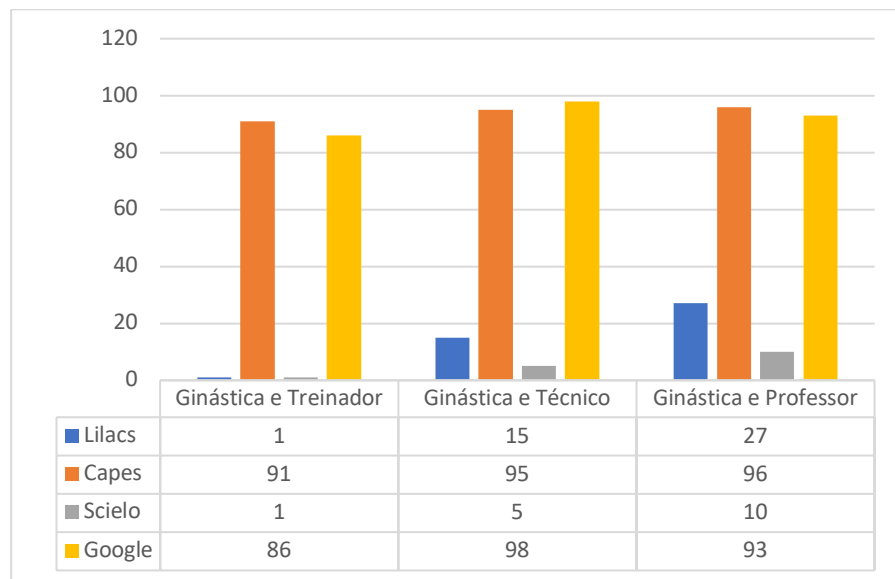
Gráfico 1: Quantidade de artigos encontrados por palavra-chave e base de dados analisadas.



Fonte: elaborado pelo autor.

Tendo em vista o número elevado de artigos encontrados no Periódicos da Capes e no Google Acadêmico e a relevância dos mesmos em ordem de aparição no sistema de buscas, optamos por analisar as dez primeiras páginas dessas bases de dados. Desta forma, apresentamos no Gráfico 2 a quantidade de artigos selecionados para serem analisados inicialmente na pesquisa.

Gráfico 2: Quantidade de artigos selecionados para 1º avaliação de dados.



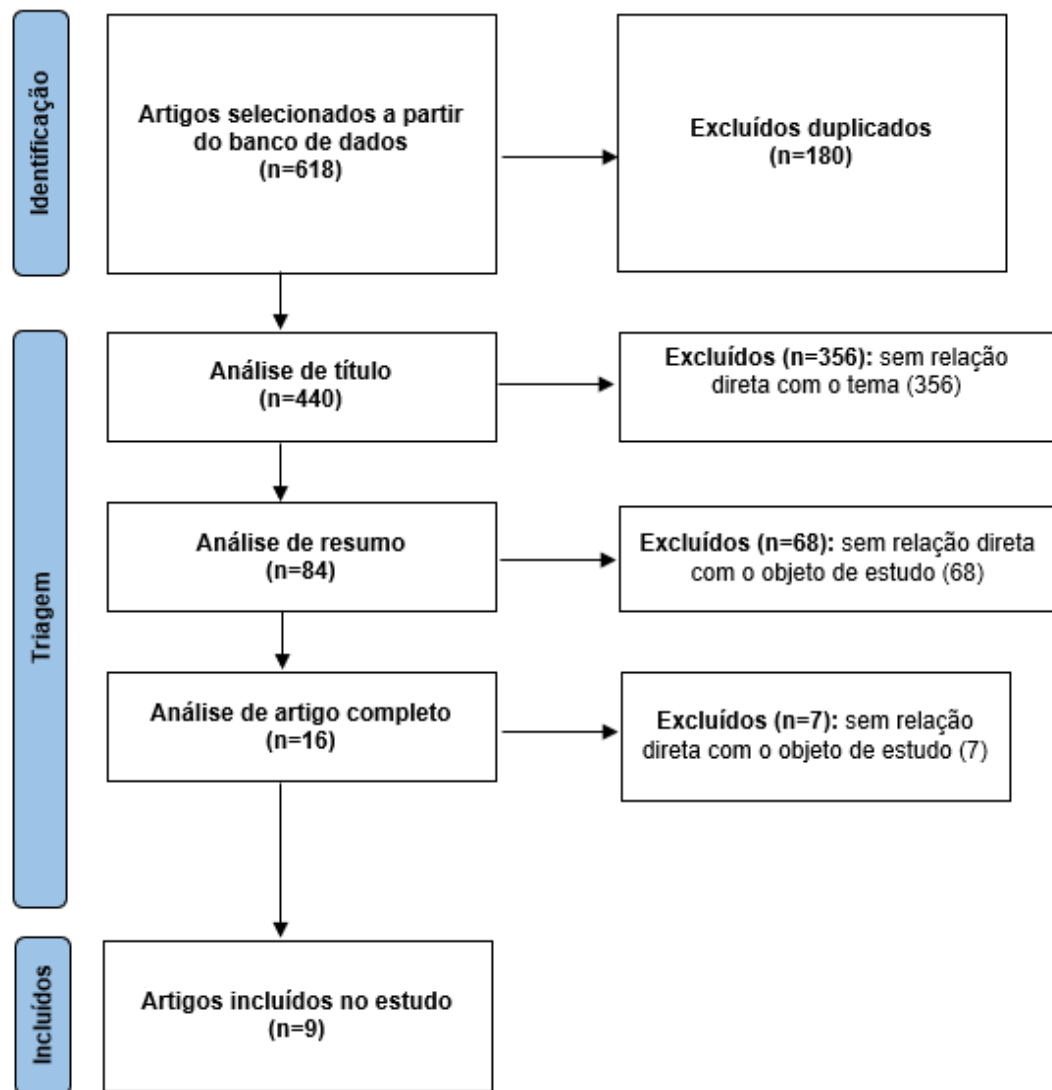
Fonte: elaborado pelo autor.

Os artigos científicos encontrados e selecionados inicialmente nas plataformas digitais/bases de dados, a partir do uso das palavras-chaves, foram analisados primeiramente a partir do título, seguido pela leitura do resumo, na qual se fazendo referência à temática do presente trabalho, foi dada continuidade com a leitura na íntegra para análise e coleta de informações. Durante os processos descritos, foram excluídas duplicatas e pesquisas que não apresentavam relação direta com o tema desta revisão.

Em um primeiro momento foram levantados 618 artigos, após a leitura do título foram excluídos 356 artigos. Os 84 artigos restantes foram analisados a partir da leitura do resumo sendo excluídos 68 artigos por não terem a formação de treinadores(as) de modalidades gímnicas como foco central. Por fim, 16 artigos foram analisados na íntegra sendo incluídos 9 artigos que de fato abordavam a temática analisada e que foram utilizados como referencial dessa pesquisa. Essa

relação entre artigos lidos e excluídos é evidenciada na figura 1, baseada no modelo “PRISMA statement” (MOHER *et al.*, 2009).

Figura 1: Diagrama de revisão bibliográfica, baseada no modelo “PRISMA statement”.



Fonte: Adaptado de Moher e colaboradores (2009).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente começamos essa sessão apresentando os artigos selecionados que fizeram parte do referencial teórico para as discussões. Os nove artigos selecionados são apresentados no Quadro 1 por ordem cronológica. Posteriormente os resultados são apresentados em três tópicos: 6.1 A formação de treinadores(as) de Ginásticas de Competição e de Demonstração no Brasil, 6.2 Dificuldades na formação de treinadores(as) de práticas gímnicas e 6.3 Para além da graduação: a formação continuada de treinadores(as) de Ginástica.

Quadro 1: Artigos selecionados para análise e referencial teórico.

Nº	Título	Autor(es)	Ano	Revista
1	Revisão sistemática sobre formação de treinadores de ginásticas competitivas	Adriely Gonçalves Orlando; Bruno Paz; Ademir Faria Pires; Ieda Parra Barbosa Rinaldi	2021	Revista Brasileira de Ciência e Movimento
2	A trajetória de vida de treinadores de ginástica artística	Vinicius Zeilmann Brasil; Thais Emanuelli da Silva de Barros; Jeferson Rodrigues de Souza; Filipy Kuhn; Juarez Vieira do Nascimento; Valmor Ramos	2018	Journal of Physical Education
3	As fontes de conhecimento de treinadores de ginástica artística	Thais Emanuelli da Silva de Barros; Valmor Ramos; Vinicius Zeilmann Brasil; Jeferson Rodrigues de Souza; Filipy Kuhn; Andrize Ramires Costa	2017	Pensar a prática
4	Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do estado de São Paulo	Laurita Marconi Schiavon; Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima; Maria Dilailça Trigueiro de Oliveira Ferreira; Yara Machado da Silva	2014	Pensar a prática
5	Ginástica na formação inicial em educação física: análise das produções científicas	Ludmila de Andrade Bezerra; Gelcemar Oliveira Farias; Alexandra Folle; Jorge Bezerra	2014	Revista da Educação Física/UEM

6	Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística	Myrian Nunomura; Michele V. Carbinatto; Paulo D. S. Carrara	2013	Pensar a prática
7	A teoria geral da ginástica, o trabalho pedagógico, a formação dos professores e as políticas públicas no campo da ginástica: contribuições da pesquisa matricial do grupo LEPEL/FACED/UFBA	Roseane Soares Almeida; Celi Nelza Zulke Taffarel; Micheli Ortega Escobar; Cristina Souza Paraiso; Amália Catharina Santos Cruz; Alexandre Francisco Lordello; Ana Rita Lorenzini; Roseane Cruz Freire Rodrigues; Quênia Rebouças dos Santos; Fábio Rigaud	2012	Conexões
8	A formação profissional das técnicas de ginástica rítmica	Mariana Belão; Livia Philadelpho Machado; Patricia Maria Martins Mori	2009	Journal of Physical Education
9	A Ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional	Myrian Nunomura; Vilma Leni Nista-Piccolo	2003	Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Fonte: elaborado pelo autor.

6.1 A formação de treinadores(as) de Ginásticas de Competição e de Demonstração no Brasil

A formação de treinadores(as) no Brasil corresponde aos cursos superiores de Educação Física de Esporte e/ou de Ciências do Esporte, porém, estes cursos se desenvolvem de maneira generalista para atender as diversas áreas de atuação da Educação Física (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003).

Ao consultarem 41 instituições de ensino superior que oferecem o curso de Educação Física, Nunomura e Nista-Piccolo (2003) evidenciaram que 35 oferecem a disciplina de Ginástica Artística e apenas sete delas oferecem um aprofundamento da modalidade. Analisando este fato isoladamente, podemos concluir que a maioria dos(as) profissionais formados estariam minimamente qualificados(as) para atuar na área em um nível pelo menos de iniciação/básico da modalidade.

Como afirma Ghilardi (1998), a Educação Física, anteriormente, não possuía divisão entre licenciatura e bacharelado. A formação, referida como licenciatura

plena, era formada por uma extensa carga horária de matérias pedagógicas e algumas disciplinas voltadas para o treinamento (GHILARDI, 1998). Com a criação do bacharelado, houve uma reformulação no plano curricular, distanciando do licenciado, no qual os profissionais eram voltados a Educação Física escolar, enquanto o bacharel seria ligado a programas de atividade física atendendo a população (GHILARDI, 1998), como no caso daqueles(as) que optam por trabalhar mais diretamente com as Ginásticas de Competição e Demonstração, mesmo estas práticas também estando inseridas no contexto da Educação Física escolar.

Porém, mesmo com o bacharel se voltando aos programas de treinamento, a formação de treinadores(as) é generalista e não aprofunda os conteúdos específicos das ginásticas de Competição e Demonstração. Neste sentido, a seleção dos profissionais para atuar em níveis superiores e intermediários baseia-se, predominantemente, na experiência de ex-atleta; e a maioria dos(as) treinadores(as) do setor competitivo foram ex-praticantes da modalidade e já atuavam nessa profissão antes mesmo de sua formação em cursos superiores (NUNOMURA, 2001).

Assim como Brasil e colaboradores (2018) evidenciam, a trajetória de vida exerce influência direta no ingresso à profissão como treinador(a), baseando-se nas experiências, crenças, comportamentos, valores e ao longo da vida. Esta trajetória se baseia nas interações e contextos sociais nos quais o(a) treinador(a) esteve inserido. Dessa forma, observamos muitos ex-atletas de modalidades gímnicas optando pela carreira de treinador(a) nas diferentes modalidades ginásticas como previamente mencionado.

Em suma, no Brasil para exercer o cargo de treinador(a) de modalidades gímnicas é necessário a formação em bacharelado em Educação Física, Esporte e/ou Ciências no Esporte. Contudo, os artigos aqui analisados apontam que esta formação ainda é superficial, fazendo com que os(as) que almejem atuar com estas práticas procurem outras fontes de conhecimento (formação continuada) e que serão melhor abordadas nos tópicos a seguir.

6.2 Dificuldades na formação de treinadores(as) de práticas gímnicas

Como brevemente citado ao longo deste estudo, a principal dificuldade na formação de treinadores(as) de práticas gímnicas, vem da maneira generalista que a

graduação em Educação Física se desenvolve, na qual busca atender todas as diversas áreas de atuação (NUNOMURA; NISTA-PICCOLO, 2003).

Atualmente, o requisito formal para atuar como treinador(a) de práticas gímnicas é apenas a graduação como bacharel em Educação Física, Esporte e/ou Ciências no Esporte. Porém, mesmo que a maioria dos cursos ofereçam matérias gímnicas, a grade curricular não fomenta os conhecimentos necessários dentro dos cursos de graduação para atuar na modalidade, sendo que poucos cursos oferecem uma especialização para atuar em níveis mais elevados ou aprofundados da prática (NUNOMURA, 2001).

Nunomura (2001) destaca a ausência de programas de formação específicos da modalidade no país:

Apesar de acreditar que existe uma carência muito grande de profissionais com conhecimento e experiência necessários para desenvolver a GA, não encontrei um Programa de Formação ou de Certificação para esses profissionais no Brasil. Nem tampouco há, até o presente momento, intenções declaradas por parte dos órgãos oficiais, relacionados diretamente ou não à modalidade, como a Federação Paulista de Ginástica (FPG), a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), a Secretaria Municipal de Esportes (SEME) ou o Ministério da Educação e Cultura (MEC) de incentivar a formação e desenvolvimento dos técnicos de GA. Este cenário favorece a contratação de técnicos estrangeiros e a necessidade dos técnicos brasileiros de buscarem cursos fora do país (NUNOMURA, 2001, p. 2).

Outra dificuldade dentro da área, está na associação da capacidade do(a) treinador(a) de exercer sua função com sua experiência como atleta na modalidade (BELÃO *et al.*, 2009). Realizando um estudo com nove treinadoras de práticas gímnicas, Belão e colaboradores (2009) constataram que três delas foram atletas de Ginástica Rítmica, uma de Ginástica Artística e Rítmica e as outras cinco foram atletas de diversas modalidades.

Com base nesta informação, percebe-se que a modalidade Ginástica Rítmica não foi tão divulgada anteriormente e que as treinadoras provavelmente só tiveram o primeiro contato com esta modalidade na faculdade ou quando tiveram oportunidade de emprego (BELÃO *et al.*, 2009). Vale destacar que as modalidades Ginástica Artística e Rítmica são as mais divulgadas e praticadas no país e que se este fato foi observado na Ginástica Rítmica, nos indagamos o que podemos esperar das diversas outras práticas gímnicas menos populares e difundidas no país.

Assim, evidenciando a problemática das ginásticas na formação e na escola Almeida e colaboradores (2012) apontam que:

A Ginástica na formação e na escola ainda não supera as bases explicativas dos métodos positivistas, com sérias imitações explicativas acerca das problemáticas na área da saúde/aptidão física, limitando-se ao treino corporal. Tais fatos demonstram os limites para compreendê-la dentro da complexidade social e histórica com que este conhecimento foi se desenvolvendo pela humanidade, a partir de necessidades vitais, sendo criado e recriado em diferentes gerações e contextos, agregando conhecimentos de outras áreas e, por conseguinte, apontando os limites explicativos até então hegemônicos. Diante dos dados podemos afirmar que a forma como a Ginástica vem sendo tratada nos currículos de formação de professores precariza e aliena o trato desse conhecimento, inviabilizando desenvolvê-lo e ampliá-lo nas suas diferentes dimensões e possibilidades e, conseqüentemente, refletindo-se no trabalho pedagógico da escola (ALMEIDA *et al.*, 2012, p. 14).

Pereira e Hunger (2003) ao entrevistar treinadores(as) de modalidades gímnicas compartilham a opinião de um(a) deles(as) “uma pessoa pode ser um excelente profissional, mas se ele não foi atleta, ele fica limitado”, ressaltando problemáticas na própria formação e na inserção no mercado de trabalho. No entanto, todos os(as) entrevistados(as) concordaram que apenas essa vivência como atleta não é suficiente para uma atuação competente enquanto treinador(a) (PEREIRA; HUNGER, 2003).

6.3 Para além da graduação: a formação continuada de treinadores(as) de Ginástica

A graduação em Educação Física, Esporte e/ou Ciências no Esporte no Brasil, como abordada até então, não passa de um requisito mínimo para a atuação com as diferentes práticas gímnicas, sendo, na maioria dos casos, insuficiente e/ou insatisfatória para exercer com qualidade uma função específica como treinador(a) de práticas gímnicas.

Tal fato corrobora com a busca dos profissionais de Educação Física em aprimorar seus conhecimentos em programas de formação continuada, desenvolvido nas situações formal (Pós-Graduações lato e strictu sensu), não formal (cursos de curta duração organizados por confederações, federações e afins) e/ou

informal (trocas de experiências, vivências no campo, estágios e outros) (ORLANDO *et al.*, 2022)

Schiavon e colaboradores (2014) ao analisarem treinadores(as) de Ginástica Artística do interior do estado de São Paulo, apontam que 93% dos entrevistados afirmam terem tido contato com a modalidade durante disciplinas da graduação. Partindo dessa informação, se pressupõe que os mesmos deveriam possuir conhecimentos que os capacitem para uma atuação básica na área (SCHIAVON *et al.*, 2014).

Porém, em estudo realizado por Nunomura e Nista-Piccolo (2003) em relação à disciplina de Ginástica Artística no curso de graduação, as autoras levantaram que 40% dos(as) treinadores(as) entrevistados mostraram-se insatisfeitos e 33,33% parcialmente satisfeitos com a disciplina. Tal fato fez com que Schiavon e colaboradores (2014), concluíssem que os treinadores(as) presentes no estudo, em sua maioria, não saíram satisfeitos com a graduação e sentiram a necessidade de procurar outras fontes para aprofundar seus conhecimentos.

Em seu estudo com oito treinadores(as) de práticas gímnicas, Barros e colaboradores (2017) relatam que quatro deles afirmam que cursos específicos sobre treinamento esportivo em Ginástica Artística são uma importante fonte de conhecimento acerca de procedimentos de ensino da técnica e progressão de processos educativos, complementando a formação universitária.

Cada vez mais, profissionais buscam aperfeiçoar sua formação, principalmente buscando conhecimentos específicos para um melhor desempenho em sua área de atuação, porém, poucos profissionais participam de simpósios e congressos científicos, apontando ainda para um distanciamento das universidades (SCHIAVON *et al.*, 2014). Nesse sentido, poucos treinadores(as) possuem contato com universidade ou instituições de pesquisa, levando a duas problemáticas: treinadores(as) não procuram as instituições ou pesquisadores(as) não buscam criar parcerias com treinadores(as), centros de treinamento e ginásios (SCHIAVON *et al.*, 2014).

Nunomura e colaboradores (2013) propõem a criação de um sistema de formação de profissionais, afirmando que o mesmo atenda às necessidades daqueles(as) que atuam ou pretendem atuar na Ginástica Artística, e que podemos estender para outras práticas gímnicas de competição e demonstração. Ademais, as mesmas autoras defendem a ideia demonstrando que o sistema deve garantir a

qualidade de instrução com profissionais adequadamente preparados(as) e gerar perspectivas de carreira esportiva. O sistema visa assegurar também o espaço de atuação dos(as) treinadores(as), pois muitos(as) conquistam este espaço através de títulos conquistados ou por sua experiência própria como ginasta, fatores que podem contribuir para a qualidade de atuação profissional, mas que não são essenciais e muito menos determinantes (NUNOMURA *et al.*, 2013).

A experiência e conhecimentos adquiridos por treinadores(as) no meio informal lhes favorece dentro de um cenário em que a graduação não supre as necessidades da modalidade competitiva e os meios para desenvolver a mesma são escassos. Profissionais que carecem desse conhecimento informal podem apresentar insegurança ao adentrarem em um contexto esportivo não muito disseminado e cheio de peculiaridades. Tal situação evidencia a necessidade da implementação de programas específicos para a modalidade, visando o aprofundamento dos conhecimentos técnicos, mas também considerando as condições dos(as) treinadores(as) e ginastas (SCHIAVON *et al.*, 2014).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro desta revisão sistemática, podemos observar que atualmente, no Brasil, temos estudos dentro dos periódicos científicos analisados, que tratam das problemáticas relacionadas ao campo da Educação Física e do Esporte evidenciando a debilidade da formação inicial, ressaltando a maneira generalista que a graduação se desenvolve. Destacando também a forte influência da formação informal dos(as) treinadores(as), suas experiências como ex-atletas da modalidade e vivências ao longo da vida.

Segundo as pesquisas analisadas, essa formação informal é colocada como predominante e mais significativa no destaque e diferencial profissional, embora também destacada como não essencial ou determinante.

O critério formal para a atuação profissional dentro das ginásticas de competição e demonstração segue sendo apenas a graduação em Educação Física, Esporte e/ou Ciência do Esporte. Porém, como evidenciado neste estudo, as disciplinas referentes as ginásticas de competição e demonstração encontradas na graduação no Brasil, raramente oferecem uma especialização/aprofundamento na área e se demonstram insuficientes devido a um grande índice de insatisfação dos(as) treinadores(as) após a conclusão do curso, gerando grande busca por uma formação continuada formal, não-formal e/ou informal.

Com base nos resultados, a critério de conclusão, os estudos analisados nesta revisão indicam de maneira unânime a necessidade de uma especialização e formação continuada para profissionais da área de práticas gímnicas, afim de trazer maior eficácia e qualidade para a profissão. Espera-se que essa revisão gere um incentivo para novos estudos e pesquisas a fim de embasar o contexto da formação de treinadores(as) de ginástica de competição e demonstração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Roseane Soares et al. A teoria geral da ginástica, o trabalho pedagógico, a formação dos professores e as políticas públicas no campo da ginástica: contribuições da pesquisa matricial do grupo LEPEL/FACED/UFBA. **Conexões**, v. 10, n. especial, p. 98-114, 2012.

AYOUB, Eliana. **Ginástica geral e educação física escolar**. Editora Unicamp, 2003.

BARROS, Thais Emanuelli da Silva et al. As fontes de conhecimento de treinadores de ginástica artística. **Pensar a prática**, v. 20, n. 3, p. 446-460, 2017.

BELÃO, Mariana; MACHADO, Livia Philadelpho; MORI, Patricia Maria Martins. A formação profissional das técnicas de ginástica rítmica. **Motriz**, v. 15, n.1, p. 61-68, 2009.

BEZERRA, Liudmila de Andrade et al. Ginástica na formação inicial em educação física: análise das produções científicas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, n. 4, p. 663-673, 2014.

BRASIL, Vinicius Zeilmann et al. A trajetória de vida de treinadores de ginástica artística. **Journal of Physical Education**, v. 29, n. 1, e-2933, 2018.

EGERLAND, Ema Maria et al. Potencialidades e necessidades profissionais na formação de treinadores desportivos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 2, p. 31-38, 2013.

GHILARDI, Reginaldo. Formação Profissional em Educação Física: a relação teoria e prática. **Motriz**, v.4, n.1, p. 01-11, 1998.

LYLE, John. What is a coach and what is coaching? In: STAFFORD, I. **Coaching children in sport**. First edition. New York: Routledge, 2011. p. 5-16.

LIMA, Letícia Bartholomeu de Queiroz. **Fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional da ginástica artística feminina brasileira**. 311f. 2020. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2020.

NUNOMURA, Myrian. A Formação dos Técnicos de Ginástica Artística: os modelos internacionais. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 3, p. 63-70, 2004.

NUNOMURA, Myrian; CARBINATTO, Michele V.; CARRARA, Paulo D. S. Reflexão sobre um programa de formação profissional na ginástica artística. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 2, p. 320-618, 2013.

NUNOMURA, Myrian; NISTA-PICCOLO, Vilma Leni. A Ginástica artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 175-194, 2003.

ORLANDO, Adriely Gonçalves et al. Revisão sistemática sobre formação de treinadores de ginásticas competitivas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 28, n. 4, p. 84-95, 2020.

PEREIRA, Juliana Martins; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França. Formação e atuação profissional no voleibol: opinião de técnicos da cidade de São José dos Campos, SP. **Motriz**, v. 9, n. 2, p. 89-96, 2003.

RAMOS, Valmor et al. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 815-829, 2015.

SOUZA NETO, Samuel et al. A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, p. 113-128, 2004.

SCHIAVON, Laurita Marconi et al. Análise da formação e atualização dos técnicos de ginástica artística do Estado de São Paulo. **Pensar a prática**, v. 17, n. 3, p. 618-635, 2014.

SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. **A busca do autoconhecimento através da consciência corporal: uma nova tendência**. 88f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.